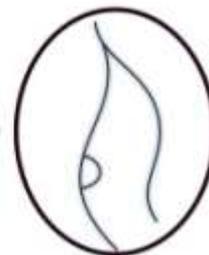




INTERFACE  
ISSN 1806-6062



## **As migrações interestaduais para a Região Metropolitana de Goiânia: uma análise dos fluxos migratórios nos períodos 1986/1991, 1995/2000, e 2005/2010.**

*Las migraciones interestatales a la Región Metropolitana de Goiânia: un análisis de los flujos migratorios en los períodos 1986/1991, 1995/2000 y 2005/2010*

**Johnathan dos Santos de Souza**<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Goiás

**Ronan Eustáquio Borges**<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar os fluxos migratórios interestaduais para a Região Metropolitana de Goiânia (RMG) nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000, e 2005/2010. Como metodologia, utilizamos os microdados das Amostras dos Censos 1991, 2000 e 2010 obtidos através do software SPSS, e de materiais bibliográficos, como artigos, dissertações, teses, e livros. A análise dos dados tem mostrado que, diferente de outras regiões metropolitanas brasileiras, na RMG os fluxos migratórios interestaduais tem apresentado crescimento significativo, tantos nos fluxos de chegada quanto nos saldos migratórios. Percebemos também, que esses possuem majoritariamente como espaços de origem apenas oito estados, a maior parte limítrofe ao território goiano, como também do crescimento e da grande participação dos estados do Maranhão, Tocantins, Bahia, e Pará. Além disso, em conversas informais com alguns migrantes, notamos que parte deles migrou para a região devido possuir familiares que já residiam em Goiânia ou nos municípios do entorno, como também por causa da oferta de empregos no setor do comércio, serviços, e da construção civil.

**Palavras-chave:** Migração, RMG, e Metropolização

**Resumen:** El presente artículo tiene como meta analizar los flujos migratorios interestatales a la Región Metropolitana de Goiânia (RMG) en los períodos de cinco años: 1986/1991, 1995/2000 y 2005/2010. Fueron utilizados como metodología los microdatos de las muestras del censo de los años 1991, 2000 y 2010 obtenidos a partir del software SPSS y los materiales bibliográficos, tales como artículos, disertaciones, tesis y libros. El análisis de datos demostró que, a diferencia de otras regiones metropolitanas brasileñas, en la RMG las migraciones interestatales presentaron un significativo crecimiento tanto en los flujos de llegada como la migración neta. Nos dimos cuenta asimismo de que estos tienen principalmente como espacios de origen solo ocho estados, la mayor parte lindante con el territorio goiano, como también del crecimiento y la gran participación de los estados de Maranhão, Tocantins, Bahia y Pará. Además, en conversaciones informales con

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pelo IESA/UFG, Professor de Geografia da SEEDF; Email: [johnathan\\_geo@gmail.com](mailto:johnathan_geo@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela UNESP/Rio Claro, Professor da Pós-Graduação em Geografia do IESA/UFG; Email: [ronanborgesbr@gmail.com](mailto:ronanborgesbr@gmail.com)

algunos migrantes, notamos que una parte de ellos migró a la región debido a que ya tenían familiares que vivían en Goiânia o en aquellos municipios alrededores, como también a causa de la oferta de empleos en el sector del comercio, los servicios y la construcción civil.

**Palabras clave:** Migración, RMG y Metropolización

## **Introdução**

As regiões metropolitanas brasileiras ao longo das últimas décadas, têm recebidos fluxos constantes de migrantes para seus territórios. A partir da década de 1950, que coincide com o processo de industrialização no país, e com o fortalecimento da concentração de terras no campo, os fluxos rural-urbano, conhecido como êxodo rural, se intensificaram. Segundo Brito e Souza (2005) mais de 43 milhões de pessoas deixaram o campo e migraram para as cidades, incluindo os filhos tidos dos migrantes rurais nas cidades – efeito indireto da migração. A maior parte desse contingente se fixou nos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, que na época, concentraram a maior parte das indústrias do país.

Com a concentração populacional nesses espaços, ocorreram dois processos simultaneamente: o primeiro, o de urbanização, fruto não só da mudança da população do campo para as cidades e sua conseqüente aglomeração urbana, mas também da mudança dos hábitos, como o da cultura impostas pelo processo industrial;- e o segundo, o da metropolização, que foi conseqüência do primeiro.

O processo de metropolização foi fruto dos fluxos migratórios, que ao se intensificarem para as capitais brasileiras, permitiram um adensamento ou “inchamento” populacional elevado, fazendo com que muitos não tivessem acesso a moradia. Esse problema de ordem social e econômica foi um dos principais problemas revelados ou causados por esse processo. Podemos afirmar que dois fatores influenciaram de forma incisiva: o primeiro, relacionado aos aspectos socioeconômicos dos migrantes, que na sua maioria eram desprovidos de capital, como também de um elevado nível educacional, fator que certamente influenciou na sua exclusão do mercado de trabalho qualificado, o que fez com que tivesse poucas chances de obter moradias, já que o alto preço da terra, causado pelo forte processo de especulação imobiliária, excluiu suas chances de terem sua casa própria nesses espaços.

Então, a saída foi ocupar as áreas de riscos, de vulnerabilidade ambiental, formando as ditas favelas, como podemos notar no caso do Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras capitais (Silva, 2012; Cunha, 1994). No entanto, em algumas situações, o Estado, com o intuito de garantir a propriedade privada e usando da força policial, acabou por expulsar essas pessoas desses locais, o que não restou outra saída, se não fossem fixar-se nos municípios arredores

das capitais, o que deu início ao processo de metropolização, já que esses migrantes em sua maioria possuíam empregos nas capitais, o que influenciou no início do processo de metropolização brasileira. Aliás, os próprios autores apud Faria (1994) afirmam que uma das características do processo de urbanização foi a simultaneidade dos processos de urbanização e metropolização.

Porém, ao migrarem para os entornos das agora metrópoles, os espaços das quais “conseguiram ocupar”, não possuíam a menor infraestrutura urbana, o que fez com que alguns autores (Cunha, 1994), os denominassem ou identificassem a ocorrência do processo de segregação socioespacial. Assim, tivemos como consequência, a alta concentração populacional nos espaços metropolitanos brasileiros, baixos crescimentos dos núcleos metropolitanos, e as altas taxas de crescimento dos municípios do entorno desses núcleos, os ditos periféricos, fruto dos fluxos migratórios dos polos para a periferia. Isso resultou no acelerado crescimento do processo de urbanização e de metropolização, culminando no que Santos (1994) denominou de cidades milionárias.

De acordo com Brito e Souza (2005), as migrações internas redistribuíram a população do campo para as cidades, entre os Estados brasileiros, entre as regiões, como também entre os municípios. No entanto, elas se dirigiram principalmente, para as regiões metropolitanas. Essas sofreram grandes transformações espaciais, como o aumento do número de municípios, a intensificação da urbanização, da segregação socioespacial, e da periferização.

Já Cunha (2000, p.30) afirma que “além de determinar o ritmo de crescimento da região como um todo, os movimentos migratórios também tiveram um papel importante na diferenciação do crescimento interno das regiões”. Ou seja, ambos os autores afirmam que as migrações contribuíram para os processos de urbanização e metropolização, tendo grande contribuição no crescimento demográfico de muitas regiões, municípios-, e até mesmo estados.

Nesse contexto, se insere a Região Metropolitana de Goiânia, que no início da década de 1970, começou o seu processo de metropolização. Isso ocorreu quando a taxa de crescimento de Aparecida de Goiânia ultrapassou a da metrópole, possuindo a maior taxa da região. Isso ocorreu porque muitos migrantes que chegaram à Goiânia não tendo condições financeiras de fixarem moradias na capital migraram para o município em busca de lotes ou moradias com preços mais baixos, pois segundo Arrais (2013), o processo de expansão horizontal foi motivado pela valorização das terras, restando para os pobres descapitalizados distanciar-se das áreas centrais. Todavia, nos períodos subsequentes, outros municípios,

principalmente os do entorno metropolitano, passaram a obter incrementos percentuais acima da média regional e do núcleo metropolitano, fruto dos fluxos migratórios vindos da metrópole. Isso vai de encontro ao argumento do mesmo autor, ao afirmar que:

A medida que o metro quadrado do solo encarecia em Goiânia e a chegada de migrantes não cessava, ocorreu uma drenagem da população para os municípios limítrofes sem infraestrutura básica [...] nem serviços públicos na área de educação e saúde. Tal processo, comum em várias regiões metropolitanas brasileiras, foi interpretado como um sintoma da desmetropolização ou até mesmo involução metropolitana. (ARRAIS, 2013 p. 166-167).

Sendo assim, esse trabalho terá como objetivo analisar as origens, os fluxos, e a magnitude das migrações para a Região Metropolitana de Goiânia (RMG), a partir do início da década de 1990 até a primeira década do século XXI, já que diferentemente de outras regiões metropolitanas brasileiras os fluxos interestaduais para a RMG estão constantemente apresentando incrementos absolutos e percentuais. Para isso, algumas indagações nortearam o trabalho: Quais as origens dos imigrantes interestaduais que chegam à região? E o destino dos emigrantes? Quais são os principais estados fornecedores de migrantes para à RMG? Essas são as questões que responderemos nesse artigo.

Pra isso, utilizamos os microdados das Amostras dos Censos 1991, 2000 e 2010 obtidos através do software *Statistical Package for Social Science for Windows - SPSS*. As informações sobre os fluxos migratórios levarão em conta a migração data-fixa, que são migrantes que mudaram de estado/município de residência cinco anos antes da realização do Censo. No caso de 1991, o período 1986/1991, 2000 - 1995/2000, e 2010 - 2005/2010. Fizemos também levantamento de materiais bibliográficos, como livros, dissertações, teses, e artigos.

### **Os fluxos migratórios para a RMG: origens, destinos, e saldo migratório.**

As migrações para as regiões metropolitanas têm diminuído significativamente desde a década de 1980. Autores como Brito (2006), Matos (2012), Baeninger e Peres (2012), Cunha (2005), e Silva (2012), tem afirmado que depois desse período, devido à crise econômica que o país sofreu, muitas pessoas deixaram de migrar para os espaços metropolitanos e se destinaram às cidades médias ou até mesmo retornaram aos seus locais de origem. Isso fez com que os fluxos para as regiões metropolitanas sofressem um arrefecimento, tendo como consequência a diminuição das taxas de crescimento.

No caso da Região Metropolitana de Goiânia, essa realidade tem ocorrido, mas com algumas características diferentes de outras regiões metropolitanas. De acordo com os microdados das amostras dos Censos de 1991, 2000, e 2010, temos notado um crescimento dos fluxos

interessaduais para a região a cada censo analisado. Os dados do período 1986-1991 mostram que o fluxo migratório que chegou a região vindo dos espaços externos à RMG - tanto os interessaduais quanto os intraestaduais - foi de 152.528 migrantes, sendo que 53,13% vieram de outros Estados, e o restante, 46,87%, dos municípios do interior goiano (Tabela 1). Desse total, 86,72% se destinaram a dois municípios: o núcleo metropolitano – Goiânia -, e Aparecida de Goiânia, com 66,41%, e 20,31% respectivamente.

Outra informação importante que podemos perceber ao analisar os dados da tabela é a grande importância dos fluxos interessaduais, com um total de 81.037 pessoas, o que faz nos inferir a capacidade atrativa que a região já possuía antes da sua institucionalização.

**Tabela 01: Tipos de Fluxos Migratórios – RMG – 1986-1991, 1995-2000, e 2005-2010**

Colunas 1	Colunas	Colunas	Colunas
<b>Fluxo Migratório - 1986-1991</b>			
<b>Tipos de Fluxos</b>	<b>Absoluto</b>	<b>%</b>	
Interestadual	81.037	36,03	
Intraestadual	71.491	31,79	
Intrametropolitana	72.363	32,18	
<b>Total</b>	224.891		
<b>Fluxo migratório - 1995-2000</b>			
<b>Tipos de Fluxos</b>	<b>Absoluto</b>	<b>%</b>	<b>Varição</b>
Interestadual	105.713	42	30,45
Intraestadual	78.411	31,15	9,68
Intrametropolitana	67.577	26,85	-6,61
<b>Total</b>	251.701		11,92
<b>Fluxo Migratório - 2005-2010</b>			
<b>Tipos de Fluxos</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Relativo</b>	<b>Varição</b>
Interestadual	116.045	48,22	9,77
Intraestadual	57.746	23,99	-26,35
Intrametropolitana	66.870	27,79	-1,04
<b>Total</b>	240.661		-4,38

Fonte: Microdados da Amostra – Censo 1991, 2000, 2010  
Elaboração própria

Além disso, outro fluxo ocorreu dentro da própria região, da qual mais de 72 mil pessoas mudaram de municípios, como atesta a Tabela 1. Isso nos mostra o quanto os movimentos populacionais intrametropolitanos foram importantes para o crescimento de alguns municípios, como os localizados ao entorno do núcleo metropolitano. Desse total, 84% do fluxo saíram de Goiânia em direção aos municípios da região, sendo que desse 71,36% se direcionaram para Aparecida de Goiânia. Isso mostra a importância do fenômeno de expansão urbana em direção à periferia metropolitana, pois autores como Brito (2006), Cunha (1994) e Silva (2012) já afirmavam que esse processo tem como pano de fundo a questão da moradia, já que devido a especulação fundiária e imobiliária tornaram os preços dos lotes altos, fazendo com que muitas famílias de baixa renda migrassem para esses municípios ao entorno da capital.

No período 1995-2000, houve um aumento nos fluxos que chegaram à região, passando para 184.124 pessoas vindas de locais exterior à RMG. A maior parte desses – 57,41% - tiveram

como origem outros estados brasileiros, enquanto que 42,59% o interior goiano. No total, a migração cresceu quase 12% em relação ao período anterior, tendo um acréscimo absoluto de 26.810 migrantes (Tabela 1).

Em relação ao período anterior, o incremento percentual dos fluxos vindos de “fora” da RMG foi de 20,71%, sendo que a maior contribuição para esse crescimento foi dos fluxos interestaduais, que teve participação de 78,1%, com um aumento, em números absolutos, de 24.676 migrantes (Tabela 1). Outra informação interessante é que os dois municípios que mais receberam migrantes interestaduais e intraestaduais, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, aumentaram seus percentuais de 84% para 88,08%, o que nos mostra a importância desses como espaços atrativos de migrantes, o primeiro devido sua força econômica, e o segundo por causa dos preços dos lotes e das moradias baratos.

O único fluxo que sofreu arrefecimento foi o intrametropolitano, tanto percentual como absoluto, passando de 72.363 para 67.577, com uma queda de 6,61% (Tabela 1). Podemos pressupor a constituição de redes sociais migratórias nos municípios que outrora recebiam muitos migrantes do núcleo metropolitano, como é o caso de Aparecida de Goiânia.

Já na primeira década do século XXI, houve uma diminuição do fluxo migratório total da região, com um decréscimo de 4,38%. Em relação aos tipos de fluxos, os intraestaduais e intrametropolitanos continuaram apresentando arrefecimentos, com destaque para o primeiro que obteve 26,35%. Já os interestaduais, apresentou crescimento, porém, menor em relação aos períodos anteriores, pois no período anterior o índice de crescimento foi na ordem de 30%, e agora menos de 10% (Tabela 1).

Podemos notar que o fluxo que ainda continua com muita força é o interestadual, enquanto os demais vêm perdendo força diante do contexto atual. Isso está relacionado, como às redes sociais migratórias em alguns municípios metropolitanos, principalmente Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, que no caso do primeiro, já está com capacidade de atração migratória interestadual.

Cabem agora algumas indagações: de quais regiões brasileiras esses migrantes saem? De quais Unidades da Federação vem? Quais as trocas migratórias a RMG possuem com esses dois espaços? Responderemos na próxima seção.

### **Regiões brasileiras: Origens e destinos dos migrantes para a RMG**

Ao analisar os fluxos de migrantes inter-regionais brasileiros que chegaram à região metropolitana de Goiânia, veremos que há uma predominância de nordestinos e nortistas ao longo

do tempo, principalmente, entre a segunda metade da década de 1980 e a primeira do século XXI. De acordo com Moyses (2004), devido a posição geográfica do território goiano, faz com que esse se torne ponto de passagem em direção ao Norte brasileiro. Outro elemento que notamos ao olhar o mapa do Brasil é que para um migrante do Sul chegar ao Norte ou vice-versa passa pelo estado de Goiás. Além disso, a capacidade atrativa de Goiânia e do Distrito Federal também contribui para o fenômeno migratório, pois os empregos de baixa e média qualificação da RMG, e os empregos públicos do DF atraem muitas pessoas para seus territórios. De acordo com estudo do IPEA (2013) a primeira recebe pessoas de baixo a médio nível de escolaridade, e o segundo uma predominância de indivíduos com alto nível de escolaridade.

Analisando os dados do período 1986/1991 (Tabela 2), notamos que chegaram a RMG mais de 81 mil migrantes, sendo que as regiões que mais enviaram migrantes foram o Nordeste e o Norte, que juntas corresponderam a 56,8% dos fluxos de chegada, enquanto que o Sul e o Centro-Oeste apenas com 20,09%. No caso da primeira, um dos fatores que certamente contribuiu nesse período foi a pobreza da região, e a mecanização da agricultura que expulsou muitas pessoas de suas terras, principalmente em algumas regiões de alguns estados, como o Oeste baiano, Sul maranhense, e Sul piauiense. Muitos desses são migrantes de baixo nível de escolaridade e quando chegam aos municípios da RMG ocupam postos de trabalho de baixa remuneração.

Em relação aos fluxos de emigração (Tabela 2), saíram da região quase 35 mil pessoas. Notamos que o Norte, Centro-Oeste, e Sudeste foram as regiões das quais a maior parte dos migrantes, cerca de 85%, se destinaram. No caso do primeiro, podemos dizer que esses fluxos tem como estado de destino o Tocantins, que tinha sido desmembrado de Goiás há pouco tempo, fator que com certeza deve ter atraído muitas pessoas em busca de oportunidades de vida. Já em relação ao Centro-Oeste, o fluxo migratório Goiânia-Brasília tem tido uma contribuição muito importante, fator que ocorre até nos dias de hoje, porém, são casos que analisaremos nas seções posteriores.

**Tabela 02: Fluxos Interregionais – 1986-1991, 1995-2000, 2005-2010 – RMG**

1986-1991			
Regiões	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório
Norte	22.461	10.348	12.113
Nordeste	23.549	4.103	19.446
Sudeste	18.764	9.507	9.257
Sul	2.072	983	1.089
Centro-Oeste	14.192	9.870	4.322
<b>Total</b>	<b>81.038</b>	<b>34.811</b>	<b>46.227</b>
1995-2000			
Regiões	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório
Norte	34.945	13.776	21.169
Nordeste	30.758	7.471	23.287
Sudeste	20.125	14.407	5.718
Sul	3.509	1.841	1.668
Centro-Oeste	16.372	12.593	3.779
<b>Total</b>	<b>105.709</b>	<b>50.088</b>	<b>55.621</b>
2005-2010			
Regiões	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório
Norte	36.348	17.819	18.529
Nordeste	41.847	8.763	33.084
Sudeste	19.504	12.893	6.611
Sul	2.716	2.765	-49
Centro-Oeste	15.624	13.167	2.457
<b>Total</b>	<b>116.039</b>	<b>55.407</b>	<b>60.632</b>

Fonte: Microdados da Amostra – Censos 1991, 2000, e 2010.  
Elaboração própria.

Já os menores fluxos se direcionaram ao Sul, e ao Nordeste. No caso da primeira, é devido o espaço metropolitano goiano possuir pouca relação com os estados sulistas, e no caso do segundo, com a pobreza, a mecanização agrícola, e não-acesso a terra, tem feito com que poucas pessoas voltem aos seus locais de origem. Brito (2007) ao descrever esse processo afirma que:

A tradição migratória, enraizada na cultura brasileira, abria a perspectiva de articular a mobilidade espacial com a mobilidade social. Aliás, era essa a única alternativa de mobilidade social para a grande maioria da população brasileira (4). Os caminhos percorridos pelos migrantes através dos sistemas de cidades, que levavam, prioritariamente, aos grandes aglomerados metropolitanos, traziam a esperança, nem sempre efetivada, de uma melhoria das suas condições de vida. (BRITO, 2006).

Com isso, os dados relacionados ao saldo migratório revelaram que nesse período a RMG ganhou 46.227 pessoas, fato que certamente contribuiu para o aumento populacional regional. O Nordeste e o Norte foram as regiões das quais a RMG mantiveram maiores trocas migratórias positivas, com 68% do total. Podemos afirmar que no período 1986-1991 a RMG se consolidou como um espaço receptor de migrantes interregionais, tendo o Nordeste e o Norte como espaços emissores e com maiores trocas positivas.

No período 1995-2000 os fluxos inter-regionais aumentaram, tendo um total de 105.709 migrantes. Em comparação com o quinquênio anterior, houve um incremento percentual, tanto nos fluxos de chegada, saída, e do saldo migratório, de 30,44%, 43,88%, e 20,32% respectivamente. Uma informação interessante é que as saídas, percentualmente, aumentaram mais que as chegadas e as trocas. Isso ocorreu devido as mudanças nos fluxos com o Sudeste e Centro-Oeste, em que ambos apresentaram aumentos relativos elevados na emigração, que consequentemente levou a

queda nos saldos migratórios. Ou seja, a RMG aumentou suas perdas migratórias com essas duas regiões brasileiras.

Em relação aos fluxos de chegada, houve a manutenção dos maiores fluxos com as regiões Nordeste e Norte, com um aumento maior para o segundo. Já os de saída, o Sudeste passou a se configurar como o maior receptor de pessoas da Região Metropolitana de Goiânia, ultrapassando, por exemplo, o Norte do país. O Sul continuou como o menor emissor migratório para o espaço metropolitano goiano.

O saldo migratório apresentou aumento em relação ao período anterior, alcançando um crescimento percentual de 20,32%, sendo que a RMG obteve resultados positivos com todas as regiões, principalmente com o Norte e o Nordeste, que juntas corresponderam a quase 80% do saldo migratório da região com os espaços regionais brasileiros. Um dos fatores que contribuíram para isso foi aumento significativo dos fluxos imigratórios.

E por fim, no período 2005-2010 a migração em direção a RMG passou de 105 mil para 116 mil, totalizando um incremento absoluto de 10.330 pessoas, e percentual de 9,77%, o que denota que houve um arrefecimento nos fluxos inter-regionais para a região em comparação com os períodos anteriores, porém, observamos um constante crescimento desses fluxos, enquanto em outras metrópoles está ocorrendo diminuições. Isso mostra a importância da capacidade atrativa migratória da RMG, principalmente para o município polo, e depois para os periféricos.

Os dados do período nos mostram também que as Regiões Nordeste e Norte se consolidaram como as que mais enviaram migrantes para a RMG, sendo que a primeira obteve o maior incremento percentual. Os fluxos vindos das outras apresentaram quedas, o que aumentou ainda mais a importância das duas regiões citadas no crescimento populacional metropolitano.

### **Os fluxos interestaduais: origens, e destinos de migrantes para RMG**

Os estados brasileiros que mais tiveram participação nos fluxos de chegada à região foram os pertencentes a essas duas regiões, Nordeste e Norte.

A tabela 3 representa a distribuição dos fluxos interestaduais para a RMG nos três períodos: 1986-1991, 1995-2000, e 2005-2010.

### **Tabela 3: Fluxos Migratórios Interestaduais – RMG – 1986 – 1991, 1995-2000, e 2005-2010**

Fluxos Interestaduais - 1986/2010 - RMG									
Estados	1986/1991			1995/2000			2005/2010		
	IMIG	EMIG	SM	IMIG	EMIG	SM	IMIG	EMIG	SM
RO	1.798	1.509	<b>289</b>	1.369	1.089	<b>280</b>	1.164	1.296	<b>-132</b>
AC	117	78	<b>39</b>	641	193	<b>448</b>	550	115	<b>435</b>
AM	393	216	<b>177</b>	487	443	<b>44</b>	871	409	<b>462</b>
RR	225	348	<b>-123</b>	299	116	<b>183</b>	178	241	<b>-63</b>
PA	6.164	2.456	<b>3.708</b>	12.226	3.144	<b>9.082</b>	13.456	4.721	<b>8.735</b>
AP	21	32	<b>-11</b>	161	146	<b>15</b>	116	136	<b>-20</b>
TO	13.743	5.709	<b>8.034</b>	19.762	8.645	<b>11.117</b>	20.013	10.901	<b>9.112</b>
MA	4.117	1.194	<b>2.923</b>	11.876	1.593	<b>10.283</b>	19.590	3.156	<b>16.434</b>
PI	1.847	215	<b>1.632</b>	1.869	551	<b>1.318</b>	3.367	559	<b>2.808</b>
CE	2.440	309	<b>2.131</b>	1.687	845	<b>842</b>	1.997	693	<b>1.304</b>
RN	668	289	<b>379</b>	547	463	<b>84</b>	478	416	<b>62</b>
PB	823	154	<b>669</b>	873	787	<b>86</b>	701	244	<b>457</b>
PE	710	366	<b>344</b>	1.545	328	<b>1.217</b>	1.389	430	<b>959</b>
AL	325	175	<b>150</b>	529	133	<b>396</b>	653	156	<b>497</b>
SE	129	30	<b>99</b>	248	105	<b>143</b>	179	179	<b>0</b>
BA	12.490	1.371	<b>11.119</b>	11.584	2.666	<b>8.918</b>	13.493	2.930	<b>10.563</b>
MG	8.359	4.648	<b>3.711</b>	7.842	5.473	<b>2.369</b>	7.902	4.919	<b>2.983</b>
ES	557	217	<b>340</b>	511	358	<b>153</b>	346	324	<b>22</b>
RJ	2.390	600	<b>1.790</b>	1.627	1.332	<b>295</b>	1.796	1.185	<b>611</b>
SP	7.458	4.042	<b>3.416</b>	10.145	7.244	<b>2.901</b>	9.460	6.465	<b>2.995</b>
PR	947	545	<b>402</b>	1.931	918	<b>1.013</b>	1.400	1.110	<b>290</b>
SC	271	202	<b>69</b>	600	655	<b>-55</b>	903	864	<b>39</b>
RS	854	236	<b>618</b>	978	268	<b>710</b>	413	791	<b>-378</b>
MS	696	639	<b>57</b>	1.053	681	<b>372</b>	1.026	962	<b>64</b>
MT	4.869	4.985	<b>-116</b>	7.970	4.782	<b>3.188</b>	7.257	4.985	<b>2.272</b>
DF	8.627	4.246	<b>4.381</b>	7.349	7.130	<b>219</b>	7.341	7.220	<b>121</b>
<b>Total</b>	<b>81.038</b>	<b>34.811</b>	<b>46.227</b>	<b>105.709</b>	<b>50.088</b>	<b>55.621</b>	<b>116.039</b>	<b>55.407</b>	<b>60.632</b>

Fonte: Microdados da Amostra – Censos Demográficos 1991, 2000, e 2010 – IBGE

Notamos que no primeiro, os estados que mais enviaram migrantes foram: Tocantins, Pará, Bahia, e Maranhão. Em relação ao Tocantins, não podemos esquecer que parte dos fluxos tocantinenses se direcionaram quando ainda pertencia a Goiás, o que faz nos inferir que se separássemos os fluxos apenas do período 1989-1991, o valor absoluto seria bem menor.

Em relação ao saldo migratório, a tabela retrata que a RMG obteve maiores saldos migratórios com o estado da Bahia, e com o próprio Goiás. O que chama atenção são os saldos negativos, como Mato Grosso, no Centro-Oeste, e Amapá e Roraima, no Norte. Já com os demais estados os resultados foram todos positivos, porém, com menos de 10.000 de saldo. Além disso, notamos que um dos fatores que podemos perceber é a distância, ou seja, os maiores saldos foram obtidos com estados limítrofes à Goiás, como por exemplo, a Bahia a Oeste, Tocantins, Minas Gerais, e o Distrito Federal.

Em relação ao período 1995-2000, o mapa abaixo revela que houve uma intensificação dos fluxos vindos dos estados do Norte e do Nordeste, principalmente do Pará, Maranhão, Bahia, e São Paulo, este último pertencendo ao Sudeste. Aliás, a maior parte dos migrantes vieram de apenas oito estados, e a maioria deles fazem fronteira com o território goiano, exceto Pará, Maranhão, e São Paulo, ou seja, as distâncias não muito longas certamente tem influenciado esses fluxos.

Já em relação aos saldos migratórios do período, vemos que a RMG obteve saldos migratórios maiores com pouquíssimos estados, que foram Tocantins, Maranhão, Pará, com quantitativos acima de nove mil, Bahia, acima de seis mil, Mato Grosso, acima de três mil, e saldo negativo com Santa Catarina. Podemos também afirmar que nesse período, a metrópole goianiense não teve saldos migratórios significativos com os demais estados brasileiros, o que fica evidenciado a questão das distâncias, e o fato de Goiânia exercer um grande poder de atração e polarização nesses territórios estaduais.

Enquanto isso, na primeira década do atual século, a RMG se consolidou como uma área de atração migratória nacional, perdendo em termos de fluxos apenas para a RIDE-DF (IBGE-2010). Os dados do período mostraram um aumento nos fluxos interestaduais, com destaque para os estados do Maranhão, Tocantins, Bahia, e Pará. Ambos foram responsáveis por mais de 57% dos fluxos de chegada. Podemos perceber que, além dos fatores já analisados, apenas oito estados, como ocorrera no período anterior, continuaram como os maiores emissores migratórios para a RMG. Isso mostra a força de atração exercida pela região à esses estados. Em comparação com os períodos anteriores, não houve nenhuma mudança estrutural, o que apenas mudou foi o crescimento dos fluxos vindos do Maranhão, e Pará.

Em relação ao saldo migratório, notamos que o destaque ficou para o estado do Maranhão, que aumentou em mais de 60% o seu saldo migratório com a RMG em relação ao período anterior (1995/2000), fruto do aumento dos fluxos de maranhenses à região. Já as trocas migratórias “médias” se deram com a Bahia, Tocantins, e Pará, os mesmos que apresentaram os maiores volumes de chegada de migrantes.

O que chama a atenção é o fato da RMG ter perdido população para quatro estados, três do Norte – Amapá, Roraima, e Rondônia, e um do Sul – Rio Grande do Sul. Como os dados são limitados, talvez pesquisas futuras possam nos indicar quais fatores tem levado esses a ganharem pessoas do espaço metropolitano goianiense.

Em síntese, podemos dizer que os fluxos migratórios interestaduais para a RMG, diferentemente de outras regiões, tem apresentado crescimento significativo, tanto nos fluxos de chegada quanto nos saldos migratórios. Percebemos também, que esses possuem majoritariamente como espaços de origem apenas oito estados, a maior parte limítrofe ao território goiano, e além do crescimento e da grande participação dos estados do Maranhão, Tocantins, Bahia, e Pará.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos os fluxos de outros estados brasileiros para a Região Metropolitana de Goiânia, notamos que, diferente de outras regiões metropolitanas brasileiras, que tem

apresentado reduções percentuais em seus fluxos, na RMG os fluxos migratórios interestaduais tem apresentado crescimento significativo, tantos nos fluxos de chegada quanto nos saldos migratórios. Percebemos também, que esses possuem majoritariamente como espaços de origem apenas oito estados, a maior parte limítrofe ao território goiano, e além do crescimento e da grande participação dos estados do Maranhão, Tocantins, Bahia, e Pará.

Além disso, notamos que o incremento desses fluxos tem grande participação da migração dos maranhenses e paraenses, principalmente no período 2005/2010. Isso está relacionado a questão das redes sociais migratórias, já que em conversas com alguns migrantes, a maioria deles afirmaram que vieram por causa dos familiares que já residiam em Goiânia ou nos municípios do entorno, como também por causa da oferta de empregos no setor do comércio, serviços, e da construção civil. Pelas limitações desse trabalho, pesquisas futuras poderão compreender mais profundamente esse fenômeno na região.

### **Referências Bibliográficas**

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. Goiânia: Ed. UFG, 2013

BAENINGER, Rosana. PERES, Roberta Guimarães. Metrôpoles Brasileiras no século 2: evidências do Censo Demográfico de 2010. **Informe Gepec**, v.15, número especial, p.634-648, 2011.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrôpoles. **Estudos Avançados**. São Paulo. v. 20, n.57, 2006.

\_\_\_\_\_. SOUZA, Joseane. Expansão Urbana nas Grandes Metrôpoles. O significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 48-63, out./dez. 2005.

BRASIL. **Censos Demográficos: amostras – 1991, 2000 e 2010**. Rio de Janeiro: IBGE.

\_\_\_\_\_. **Atlas do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE.

CUNHA, J.M. Aspectos Demográficos da Estruturação das Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: Hogan et all (org). **Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas**. NEPO/PRONEX-UNICAMP, 2001.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec,1994 – (Estudos Urbanos; 5).3Ed.

SERRANO, Agnes de França. et al. A migração como fator de distribuição de pessoas com alta escolaridade no território brasileiro. **Brasil em Desenvolvimento – Brasília – IPEA**. 2013. Volume 3.

SILVA, Erica Tavares da. **Estrutura urbana e mobilidade espacial nas metrôpoles**. 2012. 248f. Tese de doutorado (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

MATOS, Ralfo. Migração e Urbanização no Brasil. **Geografias (UFMG)** v.14, p. 7–27, 2012. *Revista Interface*, Edição nº 10, dezembro de 2015– p. 197-209.

MOYSÉS, Aristides. **Goiânia: metrópole não planejada**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004. 420 p.